

Impacto nas exportações será pequeno

João Cerqueira — 02/07/97

FLÁVIA BARBOSA

O alargamento das bandas cambiais, provocando desvalorização mais acentuada do real, terá impacto no volume de exportações do Brasil, mas bem pequeno. De acordo com Marcus Vinicius Pratini de Moraes, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a mudança na política cambial anunciada hoje pelo Banco Central foi bem recebida pelas empresas do setor, mas os exportadores salientam que para os resultados positivos na balança comercial apareçam é necessário ampliar o acesso ao crédito, promover o comércio e diminuir a taxação sobre as mercadorias.

“Só a retomada das exportações nos levará a um crescimento sólido. Mas, para ter impacto de verdade, precisamos de acesso aos financiamentos e criar mecanismo de devolução aos exportadores da tributação em cascata (PIS, Cofins e IOF), que representa até 10% dos custos, o que inviabiliza mesmo a venda”, explica o presidente da AEB.

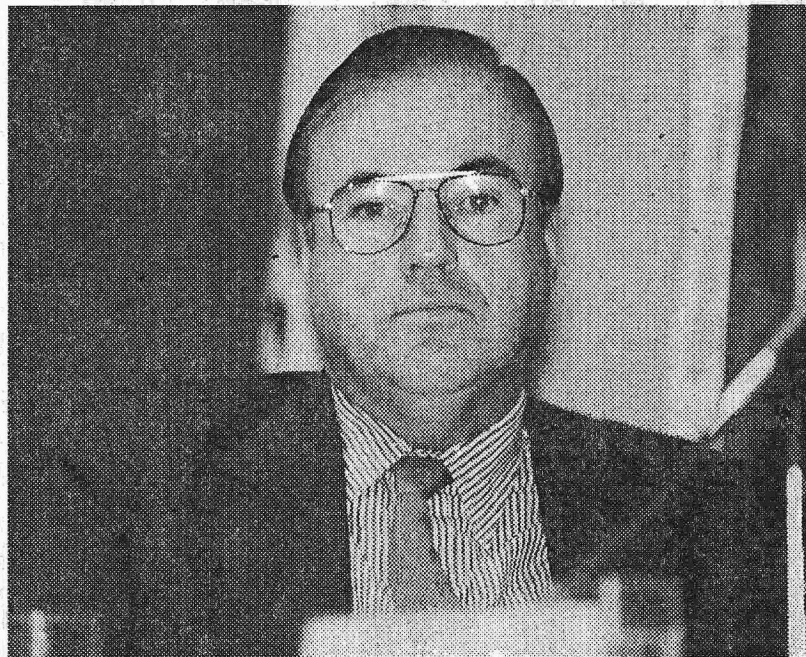
A economista Lia Valls Pereira, do Centro de Estudos de Governo da Fundação Getúlio Vargas, concorda. “O alargamento das bandas tem efeito positivo sobre o câmbio. Mas os efeitos não são de curto prazo e muito menos uma pequena desvaloriza-

ção vai melhorar a performance exportadora”, acredita a economista. Sobretudo, avalia Lia, a desvalorização do real encarece as importações, subindo o preço de insumos importantes, o que pode manter no mesmo patamar a balança comercial.

Setores — Mesmo sem impacto muito significativo, a medida do BC pode ajudar alguns setores exportadores — para o bem da balança comercial ou para o caixa das próprias companhias. Frango, suínos e até mesmo calçados podem apresentar incremento das vendas externas, já que são ramos que dependem exclusivamente de preço. A desvalorização pode reaproximá-los da competitividade com os países asiáticos.

Já automóveis, por exemplo, podem usar a desvalorização do real para uma forma velada de remessa de lucros. As montadoras podem baixar o preço da unidade exportada para a sua matriz — com isso, estaria, no fundo, remetendo dinheiro. Fora isso, em manufaturados, acredita Pratini de Moraes, os efeitos são negativos, já que é um setor que importa muita matéria-prima.

Ao contrário — A valorização do dólar sobre a moeda brasileira acaba não trazendo benefícios comerciais para o país. Para especialistas no setor, não adianta condição macroeconômica favorável se a demanda pelos



Segundo Pratini, medida terá reflexo pequeno no volume das exportações

nossos produtos permanece inalterada. Na opinião desses analistas, o mercado mundial está em retração — é a desvalorização propiciada pela mexida no sistema de bandas é irrisória perto das midi e máxi feitas pelos países asiáticos, nossos maiores concorrentes internacionais.

“Não ganhamos competitividade”, sintetiza fonte ligada aos empresários do setor. E ainda há um incômodo: toda desvalorização leva à

inflação. Porque as importações tornam-se mais caras, o que pressiona os preços. A sorte, dizem economistas, é que o mercado interno está em recessão, afastando a possibilidade de alguma explosão inflacionária.

As empresas de comércio exterior reclamam mesmo da falta de financiamento e do elevado custo do dinheiro no mercado interno. “Tudo é restrito e caro”, concluem especialistas.